

Cercas urbanas



Francisco Sousa Lobo
Engenheiro Militar



Quando nos deslocamos em Portugal olhamos as cidades e vilas, procurando ler o traçado da cidade muralhada. É um exercício fascinante que temos que transmitir à maioria. A tomada de consciência do valor das zonas históricas arrasta consigo este aspecto. Esta é a única forma de salvar o que resta dos antigos muros que estão ameaçados não só pela ignorância mas também pelos erros cometidos em intervenções urbanas, com novas construções que não concorrem para a sua salvaguarda.

Centro Histórico em Portugal é quase sempre sinónimo de recinto muralhado. Isto se nos estivermos referindo aos centros históricos mais antigos das cidades, vilas e aldeias históricas.

Devido ao esforço que está a ser feito na recuperação dos centros históricos, ou pelo menos no seu estudo, há um novo interesse pelas cinturas muralhadas. Defendemos que estes elementos de arquitectura militar devem ser recuperados e reintegrados dentro de um novo conceito. Agora competenos defender quem nos defendia. Manter ou recuperar a leitura dos sistemas defensivos, deve prevalecer como ideia fundamental. As cercas urbanas constituíam

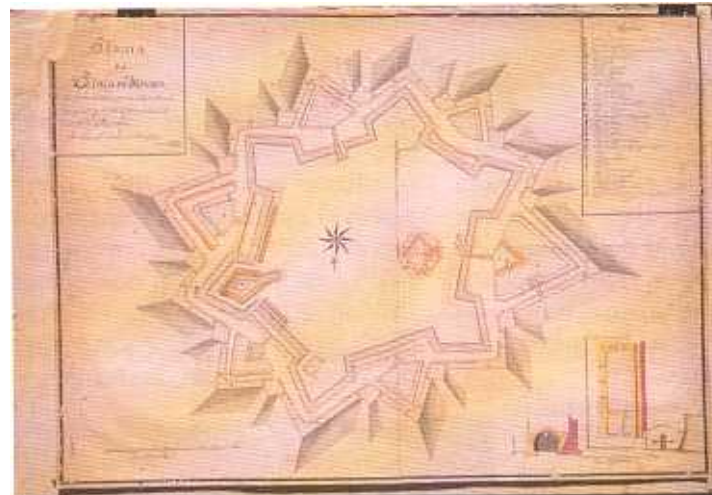
um recinto de segurança para as populações em caso de guerra. A sua função não era somente de defesa militar. Serviam também como sistema de controlo. À entrada da Vila pagavam-se portagens e fazia-se o reconhecimento das pessoas. Numa Europa sem fronteiras administrativas só era possível controlar os forasteiros, estrangeiros e almocreves em pontos de passagem; nos portos fluviais e marítimos, nos portos secos nas estradas, à entrada das pontes ou à entrada dos burgos.



A Vila de Monforte, no Alentejo, constitui um bom casamento da cintura muralhada com o casario da vila, intra e extra muros. Esta era a situação de várias cidades e vilas portuguesas que apresentam agora o pano exterior das muralhas quase totalmente livre de casas, devido a intervenções demasiado radicais, dos anos quarenta/cinquenta. É este o caso de Beja, Lagos, etc.



Em Valença, o casario avançou a sul, no exterior do perímetro muralhado, de forma a comprometer a leitura do sistema defensivo, roubando-lhe força. O acesso dos automóveis ao interior é má solução. Pode ser alterada quando houver consciência e consenso sobre as largas vantagens de parquear os carros no exterior.



Almeida é a Praça Forte mais preservada, porque não sofreu a pressão da expansão urbana como Elvas, Campo Maior ou Valença. Há que manter este precioso capital. Alguns erros foram cometidos, numa época em que a consciência do valor da Arquitectura Militar como património já estava muito difundida.

(Desenho de Manuel Azevedo Fortes)

Devido ao espartilho das muralhas, as cidades e vilas medievais eram sempre espaços críticos, com ruas apertadas e sinuosas. Nas linhas de nível do terreno desenvolviam-se ruas mais ou menos concêntricas. Em linhas de declive compatível com o esforço de subida das pessoas e

dos animais, nasciam ruas radiais. Isto é facilmente observável nas fotografias aéreas ou nas plantas dos antigos aglomerados.

A paisagem portuguesa era, no entanto, bem mais monótona que nos dias de hoje. Quem caminhasse pelas raras e poeirentas estradas de terra do país, vislumbrava, ao

aproximar-se das povoações, o perfil das suas cercas muralhadas. Eram inúmeras as povoações que tinham cerca urbana. Esta paisagem característica do final do séc. XIV e início do séc. XV só pode ser recreada através da nossa imaginação. A pressão de crescimento das cidades levou a que, muitas vezes, panos de muralha tenham sido absorvidos pelo casario ou destruídos.

Os reinados de D. Diniz, D. Afonso IV, D. Fernando e D. João I foram o de mais intensa construção de cercas urbanas. Depois do efémero reinado de D. Duarte, a atenção voltou-se, com D. Afonso V, para as Ilhas Atlânticas e esforço Marroquino. D. João II retomou o esforço de fortificação de fronteira, que D. Manuel continuou.

O Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas é um excelente testemunho que nos apresenta a situação da fronteira em 1509. Essas preciosas imagens representam 54 castelos. Só com um grande esforço de pesquisa poderíamos fazer como que uma extensão do livro aos restantes castelos do país. Seria um trabalho aliciante e um desafio a historiadores, arqueólogos e investigadores.

A delimitação do centro histórico é feita recorrendo muitas vezes ao perímetro que a muralha medieval seguia. É uma forma inteligente e prática. Essa barreira física da muralha foi sempre um condicionador do crescimento da Cidade. Um pouco como o ventre da mãe, não impedia o desenvolvimento da cidade no seu interior, mas estabelecia uma barreira física em relação ao exterior. Esse facto deve ser uma amarra importante para os planos de salvaguarda.

Os PDM deram algum contributo para esta questão. Mas a salvaguarda das muralhas antigas e dos castelos que normalmente as coroavam, só podem ser garantidos com Planos de Pormenor bem gizados. Todos sabemos que os PDM, embora sejam instrumentos importantes na definição da política de urbanização das cidades e vilas, não ultrapassam normalmente os aspectos gerais, sendo incapazes de garantir a salvaguarda física das estruturas urbanas mais antigas.

Uma regulamentação, quando adequada, é fundamental, acompanhada de Planos de Pormenor.

Temos observado o que tem sido feito ao longo do país em termos de recuperação de centros históricos. O trabalho é louvável na sua maioria. Aspectos que nos parecem menos bem podem ser corrigidos. Na parte que nos toca, e que corresponde à reintegração das estruturas fortificadas, há grandes lacunas. É fundamental repor a leitura dos conjuntos fortificados. Essa é a matriz mais forte que a povoação conheceu e que raramente está totalmente destruída. Quase me atrevera a dizer que **nunca está destruída**. Mesmo que a muralha tenha desaparecido subsiste normalmente o seu alinhamento que se pode ler na correnteza das fachadas das casas.

Os antigos caminhos de ronda das cercas, dão muitas vezes excelentes percursos de visita. Servem para manter, além

disso, os espaços conservados e animados. Temos percorrido intensamente as cidades e vilas de Portugal e dos antigos espaços portugueses. Há muita coisa que pode ser feita com pouco dinheiro. O mais difícil é saber intervir depois de ter feito um correcto diagnóstico da situação. Estes pequenos percursos, que permitem ler o antigo andamento das muralhas, a marcação das portas, a recuperação de alguns elementos da arquitectura militar, ajudariam a requalificar os espaços.

As antigas portas das cidades e vilas, ou mesmo os locais onde se situavam, são sítios mágicos. Eram os locais de passagem da cidade intra-muros à campanha. O casario, cá fora no exterior, estava desprotegido. Quando à noite se fechava a porta, no interior dormia-se em maior segurança. Esses locais podem retomar o significado de outrora, para delimitar agora novos



Estremoz é um caso à parte nos sistemas fortificados. Ponto chave da Defesa na Guerra da Restauração, constitui um conjunto em que a zona histórica se impõe na paisagem devido à sua localização. O Castelo, mais tarde adaptado a Fortaleza, constitui um conjunto que, para ser preservado, necessita de um grande esforço de reanimação.

parâmetros condicionadores. Para o interior desses locais, pode-se condicionar o trânsito, regular a imagem dos edifícios, estabelecer regras que ajudem a manter e reviver as ambiências de outrora.

Agora que as fronteiras da Europa desapareceram, estes antigos procedimentos voltam de novo à nossa atenção. Até que ponto devemos controlar a entrada nos centros históricos? A pergunta tem razão de ser. Autarcas, urbanistas e equipas de planeamento devem retomar esta questão. A livre circulação não pode ser absoluta. Ela está condicionada pelo espaço disponível para as pessoas e automóveis. Daqui nascem os regulamentos dos centros históricos que vão surgindo em Portugal.

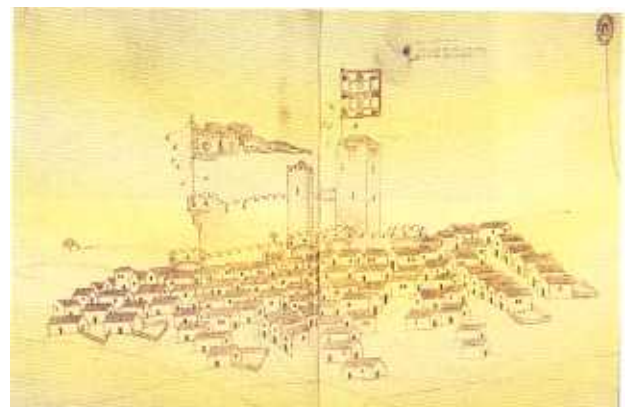
As administrações até agora ainda não impuseram "*numerus clausus*" na entrada de qualquer

dos centros históricos mas já começaram a limitar e condicionar a entrada de viaturas. Esta medida surge sempre inicialmente como impopular para os comerciantes, que mais tarde se rendem às grandes vantagens que eles têm revelado.

Devemos seguir os bons exemplos que temos em Portugal. Há muito para fazer mas é urgente divulgar cada vez mais as experiências que são feitas. Miranda do Douro é um exemplo de Vila com uma regulamentação atempada em defesa do Centro Histórico, definido exactamente pela cintura antiga de muralhas da vila.

Sabemos que esses regulamentos iniciais sofrem agora alguma contestação dos técnicos, porque tinham, em seu entender, algum rigor excessivo, impondo somente uma cor para as casas, ou padronizando determinado tipo de acabamentos, etc. Estes aspectos são no entanto secundários.

O importante é a preservação da zona antiga, tomando decisões que possam ter reversibilidade. E se o conjunto era fortificado, esse aspecto deve poder ser observado e sentido. ■



As imagens do Livro das Fortalezas são um manancial de informação para os investigadores. Constituem um capital iconográfico raríssimo na Europa. As fundações do desaparecido Castelo Manuelino de Almeida, ainda podem ser observadas localmente.